



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS DO/NO PROJETO UCA

Azenaide Abreu SOARES-VIEIRA¹

UNESP

ABSTRACT: It is from the idea of incompleteness present in every human act that we discuss about a technology, recently, set up socially as educational. It is the laptop, known among social subjects as laptop or notebook. The discursive meaning about the One Computer per Student Project (PROUCA), which integrates the laptop in public schools in Brazil, considering the conditions of production and subject-position of director, teacher trainer, teacher, pedagogical supervisor and student will be the object of analysis of this research. From the articulation of subject-language story on this theory of Discourse Analysis of the French, especially with regard to the work of Pêcheux (1975, 2008) and Orlandi (1992, 2001a, 2001b, 2006, 2007), we draw reflections about discourse on educational technology. The methodological procedure occurred by trimming the corpora extracted from questionnaires, which present significant discursive meanings to its purpose. The acts of discursive subjects revealed that there are in the context of research, at One Computer per Children (UCA) school, the discursive formations of digital inclusion, improvement in the quality of education, changings in the culture of teaching and learning, “crossed” by the effect of disciplinary control brought by the technology over the student's attention.

Keywords: Discourse, One Computer per Children Program, Educational Technology.

RESUMO: É a partir da ideia de incompletude presente em cada ato humano que iniciamos a discussão sobre uma tecnologia que há pouco tempo se configura socialmente como educacional. Trata-se do computador portátil, conhecido entre os sujeitos sociais como *laptop* ou *notebook*. O sentido discursivo sobre o projeto Um Computador por Aluno (UCA), que integra o *laptop* em escolas públicas no país, considerando as condições de produção e a posição-sujeito de diretor, professor formador (multiplicador), professor regente, coordenador pedagógico e aluno, é o objeto de análise deste trabalho. A partir da articulação de sujeito-língua-história presente na teoria da Análise do Discurso de linha francesa (AD), em especial no que diz respeito aos trabalhos de Pêcheux (1975, 2008) e Orlandi (1992, 2001a, 2001b, 2006, 2007), traçamos reflexões sobre discurso e tecnologia educacional. O procedimento metodológico envolveu a aplicação de questionários aos sujeitos mencionados, de cujas respostas foram recortados alguns fragmentos, constituindo-se um *cópus*. Esses recortes foram analisados à luz do referencial mencionado, em busca da apreensão de sentidos discursivos significativos em relação ao objetivo proposto. Os atos discursivos dos sujeitos revelaram que há, no contexto de investigação, ou seja, na escola UCA, as formações discursivas da inclusão digital, da melhoria na qualidade de ensino, da

¹ Doutora em Estudos Linguísticos e professora no curso de Letras, Primeira e Segunda Licenciatura em Computação da UEMS, unidade de Nova Andradina.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

promoção de mudança na cultura de ensinar e aprender, atravessadas pelo efeito de controle disciplinar promovido pela tecnologia sobre a atenção do aluno.

Palavras-chave: Discurso, Projeto UCA, Tecnologia Educacional.

Introdução

A proposta deste trabalho é apreender, com base na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa (AD), sentidos discursivos *da tecnologia laptop* constituídos nos discursos de diferentes posições-sujeito inscritas no processo de desenvolvimento do projeto Um Computador por Aluno (UCA) em uma escola da rede estadual de Mato Grosso do Sul. As análises incidem sobre recortes do documento oficial e de respostas dos sujeitos da pesquisa a um questionário, buscando identificar o sentido do projeto UCA para esses sujeitos. Procuramos, mediante análise dos enunciados recortados², “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2001b, p. 15).

A partir da perspectiva teórica da AD, o seguinte questionamento norteou o estudo: Qual o sentido do projeto UCA para os sujeitos da pesquisa? Importa esclarecer que foram associados, aos enunciados enumerados, códigos para identificação dos sujeitos: PB (Projeto Básico) D (diretor), CP (coordenador pedagógico), PF (Professor formador), P (professor), A (aluno).

Assim, o estudo leva em consideração que “o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2001b, p. 21). Daí nosso interesse em analisar o sentido discursivo atribuído por sujeitos que são levados a assumir as posições-sujeito de professor, coordenador, diretor, formador ou aluno do/no projeto UCA em uma escola que apresenta características peculiares em relação às demais. Tais condições de produção envolvem “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam sua produção”. (FERNANDES, 2008, p. 21).

² O conceito de “recorte” é de Orlandi (1987, p. 139): “unidade discursiva, fragmento correlacionado de linguagem e situação”.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

1. O SIMBÓLICO E O POLÍTICO NO DISCURSO CONTEMPORÂNEO

Convém esclarecer que o sujeito a quem fazemos referência neste texto é o sujeito da contemporaneidade, interpelado pelo sujeito capitalista. O sujeito da contemporaneidade “faz intervir o direito, a lógica, a identificação” (ORLANDI, 2007, p. 12) e, para ele, não há separação entre exterioridade e interioridade. Em outras palavras, Orlandi (2007, p. 12) esclarece que isso não é tão explícito para o sujeito:

Ainda que, para o sujeito, essa separação continue a ser uma evidência sobre a qual ele constrói, duplamente a ilusão: a de que ele é origem de seu dizer (logo ele diz o que quer) e a da literalidade (aquilo que ele diz só pode ser aquilo) como se houvesse uma relação termo a termo entre linguagem/pensamento/mundo.

Dessa forma, temos o sujeito que se compreende ao mesmo tempo como “livre e responsável, determinador e determinado”, ao mesmo tempo despossuído e mestre de si mesmo, levando ao que Pêcheux chama de equívoco ideológico do sujeito. Pêcheux compreende que “pela ideologia, afetado pelo simbólico o indivíduo é interpelado em sujeito. A forma sujeito, que resulta dessa interpelação pela ideologia é uma forma-sujeito histórica com sua materialidade”. Com os mesmos pressupostos teóricos, Orlandi (2007, p. 13) diz que:

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação. Portanto o indivíduo, nesse passo, não é a unidade de origem, mas o resultado de um processo, um constructo, referido ao Estado.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Temos aí a constituição do sujeito como individualizado em relação ao Estado, por um lado, e a forma-sujeito histórica, de outro, campo fértil de contradição na constituição do sujeito, “que permite uma desconstrução da forma histórica do sujeito afetando sua interpelação”. (ORLANDI, 2007, p. 15).

É a partir dessa reflexão que podemos compreender o significado de assujeitamento. Orlandi (2001) destaca que o assujeitamento não pode ser quantificado; “assujeitar-se” é, para ela, uma forma de qualificação da subjetividade, do sujeito, tendo em vista que o sujeito “submete-se à língua pela ideologia” (ORLANDI, 2001a, p. 100), constituída na história. Pêcheux defende que, antes de o indivíduo ser, é a posição-sujeito (Estado) que diz o que se fala ao sujeito e do sujeito. Trata-se da discrepância entre o sujeito subjetivo e o sujeito que se assujeita, conforme a posição-sujeito que ocupa.

A fim de apreender esse sujeito, que é ao mesmo tempo sujeito e assujeitado, é pertinente considerar as afirmações de Schaller (2001 *apud* ORLANDI, 2007, p. 15): “a questão do século XXI é viver juntos ao mesmo tempo iguais e diferentes”. Além disso, não nos podemos esquecer de que estamos na era pós-industrial, em que “a desarticulação das relações de produção e de reprodução gera novas desigualdades e novas formas de dominação que deslocam a luta de classe para a luta de lugares” (ORLANDI, 2007, p. 15). A esse processo a autora chama de “des-institucionalização” do sujeito, em que cada um é chamado à construção de seu destino e à responsabilidade sobre ele. O sujeito é então submetido, nas relações sociais, as várias “provações” individuais.

Nesse sentido, Orlandi (2007, p. 15) alerta-nos de que:

[...] passamos de um hábito de situarmo-nos uns em relação aos outros sobre escalas sociais, norteados por uma visão vertical - de qualificação, de salário, de educação e de autoridade – para uma visão horizontal: nós estamos no centro ou na periferia, dentro ou fora, na luz ou na sombra.

Ainda segundo a autora, a possibilidade de o indivíduo que está fora, na periferia ou na sombra, transpor os obstáculos e subir os degraus de uma escala, como se sobe uma escada em busca de estar dentro, no centro ou na luz, é menor, tendo em vista que a visão horizontal preponderante



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

na era pós-industrial configura-se socialmente como um fosso quase intransponível, em que o medo é de se desviar para o mal. Dito de maneira talvez mais direta, a articulação social no século XXI configura-se pela luta de posições-sujeito, em que a produção, tão feroz no século anterior, é substituída pelo consumo.

O sujeito contemporâneo traz em si uma necessidade crescente de “pertencimento”. Para tanto, busca o desenvolvimento individualista a fim de construir o próprio lugar para pertencer socialmente a uma comunidade e, a partir disso, ser considerado e reconhecido, tornando-se de alguma forma vencedor. A luta de classe dá espaço à luta pelos lugares, sendo socialmente exigido do sujeito que seja útil e produtivo. E a falta toma o espaço de exclusão social: na busca de pertencimento, o sujeito expõe-se a faltas e erros, o que, para a sociedade, se configura como “elemento principal de sua identidade social”. (ORLANDI, 2007, p. 16).

É a partir da visão de sujeito contemporâneo ou capitalista apresentada por Orlandi que tomamos o estudo do sujeito, levando em consideração sua posição-sujeito na escola em que o projeto UCA foi implantado. É no espaço escolar, a partir de cada posição-sujeito, que situamos o(s) sujeito(s) e seus modos de significar o projeto UCA.

Assim como Orlandi (2007, p. 16), “não pensamos a linguagem como se ela estivesse separada do meio material, das suas condições, da conjuntura em que aparece”. A escola é percebida como um espaço politicamente organizado e dividido, espaço em que a escrita é institucionalizada e ensinada por intermédio de recursos didáticos, compreendidos como materiais auxiliares ao trabalho do professor.

2. Breve Historicidade

2.1 Fases do Projeto UCA



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

O projeto UCA foi viabilizado para contemplar as metas do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), entre elas a de instalar, até 2010, computadores nas escolas, aliada à formação tecnológica em todas as escolas públicas do país. Além disso, o projeto UCA propõe “(a) melhoria da qualidade da educação, (b) inclusão digital e (c) inserção da cadeia produtiva brasileira no processo de fabricação e manutenção dos equipamentos”. (BRASIL, 2008).

O projeto apresenta duas fases de implantação e desenvolvimento. A Fase I começou a ser fomentada em 2007, em cinco escolas da rede pública do Brasil, localizadas em São Paulo/SP, Porto Alegre/RS, Palmas/TO, Pirai/RJ e Brasília/DF. Essa fase é denominada pelo governo federal como fase pré-piloto do projeto UCA, cujo principal objetivo foi “avaliar o uso de equipamentos portáteis pelos alunos em sala de aula”³. A Fase II consiste de projetos-piloto UCA e prevê a capacitação de recursos humanos para garantir o desenvolvimento desses projetos-piloto. A proposta do governo federal é que sejam implantados e desenvolvidos em 300 escolas públicas, localizadas em todos os estados brasileiros, e que sejam aplicadas avaliações diagnósticas durante o processo de integração do *laptop* em atividades de ensino. A meta é verificar o impacto e as mudanças geradas com o projeto e o incentivo a pesquisa, a fim de identificar práticas inovadoras com a nova ferramenta educacional. Para isso, o projeto envolve ações de cooperação entre instituições de ensino superior e Núcleos de Tecnologias Educacionais (NTE/NTM).

A Fase II do programa UCA tem sido desenvolvida desde meados de 2010 em apenas algumas escolas das redes estadual e municipal de ensino do Estado de Mato Grosso do Sul. A escola que serviu de contexto de investigação é uma das dezenas escolas do estado que receberam, em 2010, o lote de *laptops* a serem integrados às atividades escolares.

2.2 Contexto de Investigação⁴

³ Informações disponíveis na página online do MEC
(<http://www.uca.gov.br/institucional/experimentosFaseI.jsp>)

⁴ Convém esclarecer que os dados registrados sobre a escola é referente ao ano letivo de 2011.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Por razões éticas, não divulgamos o nome da escola, cenário de nossa pesquisa. Além disso, consideramos irrelevante tal registro, uma vez que nosso foco é analisar discursos que se constituem nesse contexto. A partir de 2010, a escola aderiu ao Programa UCA e teve seu cenário modificado com a inserção de uma tecnologia que ainda rara na maioria das escolas públicas brasileiras – o computador portátil (*laptop*) –, a ser manuseado por professores e alunos durante o desenvolvimento de atividades pedagógicas.

A escola em questão opera nos períodos matutino e vespertino, possui aproximadamente 280 alunos matriculados nos dois turnos, totalizando 14 turmas, formadas por turmas de 25 a 35 alunos, nas fases do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

A equipe pedagógica da escola é constituída por 27 profissionais, que atuam nas seguintes funções: coordenador pedagógico, diretor, formador tecnológico e professor. Quanto à equipe de apoio (técnica), a escola conta com 11 profissionais, atuando em diferentes funções: agente de limpeza, inspetor de alunos, agente de merenda, assistente de atividades educacionais e porteiro.

A cidade em que a escola está localizada conta com um Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) e a instituição de ensino superior local responsável pelo apoio pedagógico para a implementação do projeto fica a aproximadamente 300 quilômetros da escola. São integrantes da equipe de multiplicadores (formadores) do NTE, 11 profissionais: um secretário, um assistente administrativo, um diretor e oito professores multiplicadores. Estão envolvidos diretamente com o trabalho de orientação e formação tecnológica na escola UCA, dois professores multiplicadores, que atuam diretamente com os professores lotados na Sala de Tecnologia (STE) da escola UCA, também formadores, e com a coordenação pedagógica.

3. SENTIDOS DISCURSIVOS DO/NO PROJETO UCA

[...] os sentidos não estão somente nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções do sujeito [...]. Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos e sentidos que são produzidos em condições



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz [...].
(ORLANDI, 1999, p. 30).

É a partir dessa ideia expressa pela autora que iniciamos a análise dos discursos dos sujeitos da/na escola UCA. Para isso, os discursos foram agrupados conforme enunciados que emergiram da primeira análise do corpus. Dessa primeira tentativa em adentrar o entremeio da língua, materializada em enunciados discursivos, foi possível classificar os discursos do/no Projeto UCA quanto a suas especificidades de sentidos em quatro conjuntos discursivos: ação de *inclusão digital*; iniciativa para *melhoria na qualidade de ensino*; política para fomentar *mudança na cultura de ensinar e aprender*; iniciativa capaz de resolver *problema disciplinar e de atenção por parte dos alunos*.

A partir dos agrupamentos e à medida que líamos cada enunciado, procuramos refletir a respeito do dito e do não dito no discurso dos sujeitos, levando em consideração a posição-sujeito de cada um, uma vez que as palavras assumem um ou outro sentido conforme o sujeito que as emprega, variando de acordo com o espaço, tempo e posição-sujeito (diretor, coordenador, formador, professor ou aluno). Conforme sugere a epígrafe deste item, as palavras não são apenas dizeres entre sujeitos em ato discursivo, mas, sobretudo, sentidos capazes de produzir efeitos infinitos.

Por fim, adentramos os entremeios da língua para apreender os sentidos discursivos atribuídos ao objeto de investigação pelos sujeitos no espaço escolar. Assim, seguem análises de enunciados extraídos do Projeto Básico e dos questionários aplicados a membros da instituição.

3.1 Projeto UCA como Ação de Inclusão Digital

Conforme o documento oficial que orienta o desenvolvimento do projeto UCA, o discurso do governo, na condição de “aparelho ideológico de estado” (ALTHUSSER, 1985), sustenta-se por três pilares, um dos quais é a *inclusão digital*: “possibilitar o ingresso desde os primeiros anos escolares na **cultura digital**” (BRASIL, 2008).



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Dessa forma, nota-se, no documento, o discurso institucional que se manifesta em virtude da rápida disseminação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) a partir do século XXI. Assim, busca cristalizar, na memória dos sujeitos, a discursivização de que a comunidade brasileira precisa ser incluída digitalmente (possuir computador e ter acesso à internet), uma vez que as informações (até então disseminadas exclusivamente pela escola) passaram a ser transmitidas, após o advento da internet (mais intensivamente a partir da década de 1990), pelas mídias digitais. Nesse cenário, o conhecimento ganhou campo fértil de produção (ambiente virtual) e disseminação, em uma velocidade nunca antes presenciada, sem a manipulação da escola.

À luz do “acontecimento” (PÊCHEUX, 2002) que norteia o discurso do Estado, apreendemos a prática discursiva dos membros integrantes da comunidade pesquisada. Então, passamos a analisar as relações internas e externas ao acontecimento discursivo, aproximando o dito e o não dito pelos sujeitos, constituídos por interdiscursos oriundos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais. (FERNANDES, 2008).

Vejamos os recortes:

- (1) promova desta maneira a inclusão digital (CP)
- (2) Espero que venha de encontro com as reais necessidades dos educadores e educandos no que diz respeito ao acesso à informação (D).
- (3) Um dos objetivos do Projeto é além de promover a inclusão tecnológica dos alunos, mas também aos Pais quando propõe que esse laptop seja levado para casa, onde os alunos ensinariam os Pais (PF)
- (4) Os principais objetivos talvez sejam despertar no aluno e professor que as tecnologias são indispensáveis para o mundo educacional (PF)
- (5) é levar aos alunos a conhecer mais sobre as novas tecnologias (PR)
- (6) atividades de digitação para ficarmos mais rápidos na digitação (A)
- (7) Usar mais a INTERNET, pois hoje no mundo a INTERNET é muito utilizada (A).
- (8) Eu espero que o projeto nos ajude no futuro com um bom emprego (A).
- (9) O investimento em conhecimento e sua difusão no mundo produtivo e na sociedade são hoje as chaves para o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento humano (PB)

Temos, no enunciado (1), materializado pelo discurso do sujeito coordenador pedagógico, o uso do verbo “promover” – ‘mover para adiante’ –, no presente do subjuntivo, que nos conduz à



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

interpretação, por meio do sentido discursivo, de que a inserção do *laptop* inscreve-se na “vontade política” de que a escola resolva o problema educacional e, conseqüentemente, o social e o econômico do país. Identificam-se, também, nesse enunciado, interdiscursos: o discurso da instituição escolar é atravessado pelo discurso oficial de um Estado democrático e inclusivo, neoliberal e inscrito na ordem do mundo globalizado, que exige que o indivíduo tenha acesso à informação de forma veloz. Também se alinhava, no discurso de CP, o discurso da emancipação intelectual por intermédio da inclusão no mundo tecnológico.

Por outro lado, em (2), “espero que [o projeto UCA] venha de encontro [*sic*] com as reais necessidades dos educadores e educandos no que diz respeito ao acesso à informação”, o sujeito diretor, enunciando em 1ª pessoa, mas modalizando seu dizer com “espero que” – que inscreve a dúvida –, traz o discurso pedagógico entrelaçado ao discurso institucional. Percebe-se a constituição do discurso institucional quando o sujeito significa a escola como um espaço que “não dá conta” mais das inúmeras informações que começaram a ser produzidas e disseminadas instantaneamente a partir da expansão da internet; daí a necessidade de adquirir novas ferramentas tecnológicas e promover a inclusão digital. Nesse sentido, vale mencionar Althusser (1985, p. 54), para quem toda formação social é resultado de um modo de produção dominante.

Percebe-se que, até o final do século passado (XX), a transmissão de informações era tida como de responsabilidade da instituição escola, mais precisamente pela figura do sujeito professor (então detentor de todas as informações), que ocupava (e ocupa), perante a sociedade, uma posição superior à do sujeito aluno, que se submetia (e ainda se submete) às regras institucionais para ter acesso a informações. Dessa forma, o discurso que se estabelece do/no Projeto UCA como possibilidade de inclusão digital é apreendido pelo sujeito diretor como sinônimo de acesso a informação.

Por outro lado, verifica-se, em (3), que a prática discursiva do sujeito formador é entrelaçada pela meta maior do Estado, uma vez que o sujeito significa o projeto além dos muros escolares, como educacional e de inclusão social. O sujeito formador utiliza os articuladores de adição “além” e “mas também” para apontar os aspectos positivos do projeto, porém enuncia em 3ª pessoa, procurando eximir-se de um posicionamento. Ao empregar a forma de futuro do pretérito “ensinariam”, também não se compromete com a “verdade” do Estado; ao contrário, deixa entrever que não crê nessa “verdade”.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

No enunciado (4), o sujeito formador, ao utilizar o modalizador “indispensável”, significa que a escola não é mais capaz de manter-se sem o computador e a internet e ratifica a relevância das novas tecnologias. Uma vez que é ideologicamente constituído o sentido de escola como contexto maior de disseminação de informação, surge aqui novamente o discurso fundador institucional, na busca de modernização da escola com a inclusão da tecnologia *laptop*. Por outro lado, no uso do verbo “despertar”, produz-se o efeito de professores e alunos apáticos e desinteressados, contrários ao discurso oficial educacional da formação de alunos e de professores ativos e críticos. Isso nos remete ao discurso pedagógico contemporâneo, atravessado pelo discurso do neoliberalismo, que clama pelo sujeito autônomo, mestre de seu próprio destino na luta social por um lugar no mercado de trabalho.

Diferente do discurso dos demais sujeitos (coordenador, diretor e formador), o do sujeito professor, em (5), “é levar os alunos a conhecer mais sobre as novas tecnologias”, atribui ao projeto o significado de poder oferecer ao aluno conhecimento técnico quanto à nova tecnologia agora presente na escola. Esse sentido discursivo materializa-se no auxiliar modalizador “levar” e no verbo nocional “conhecer”. O operador “mais”, por sua ambiguidade (quantificador ou intensificador), possibilita a interpretação de que o aluno já possui algum conhecimento tecnológico, sendo que o *laptop* possibilita a aquisição de maiores habilidades em seu manuseio. A partir de sua posição-sujeito (professor), é possível inferir que o sujeito professor não atribui o mesmo sentido (como os sujeitos diretor, coordenador e formador) ao se referir à inclusão digital trazida (conforme significado pelos sujeitos) pelo projeto UCA. Se, por um lado, os sujeitos diretor, coordenador e formador apreendem inclusão digital como sinônimo de “acesso à informação”, por outro lado, o sujeito professor (historicamente interpelado como possuidor de todas as informações/conhecimento) apreende o projeto em seu sentido técnico, como sendo mais um instrumento que poderá ser utilizado (por ele) para transmitir informações ao educando.

A mesma significação para o Projeto UCA é marcada pelo sujeito aluno, como revelam os enunciados (6) “atividades de **digitação** para ficarmos mais rápidos na digitação” e (7) “usar mais a **INTERNET**, pois hoje no mundo a INTERNET é muito utilizada”.

Além do até então exposto sobre os diferentes sentidos discursivos apreendidos pelos membros da instituição escola, ao significar o projeto UCA como iniciativa de inclusão digital, pode-se afirmar que, nos recortes analisados, manifesta-se o discurso da escola como espaço de preparação de mão de obra para o mercado de trabalho. Isso se revela no discurso do sujeito aluno, no enunciado



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

(8) “eu espero que o projeto nos ajude no futuro com um **bom emprego**”. Tal sentido vai ao encontro do discurso institucional, quando o documento oficial (Projeto Básico) que norteia o Projeto UCA, orienta que (9) “o investimento em conhecimento e sua difusão no mundo produtivo e na sociedade são hoje as **chaves para o desenvolvimento econômico**” já regulamentado, cristalizado e significado, que se estabelece na instituição escola UCA, pela visão capitalista.

Pode-se afirmar que o discurso do sujeito aluno inscreve-se na “ordem” da promoção de reformas educacionais que se adaptem à “nova ordem mundial”, marcada pelos avanços tecnológicos, pela necessidade de preparar cidadãos de excelência para o mercado de trabalho. Eis o interdiscurso, o “diálogo” com os conceitos (positivistas) de competência, eficiência e eficácia.

3.2 Projeto UCA Sinônimo da Melhoria na Qualidade de Ensino

Ao iniciarmos a análise da prática discursiva dos sujeitos que atribuem ao projeto UCA o sentido de melhorar a qualidade de ensino, atentamos para a presença do discurso institucional (do Estado), que dialoga com o discurso pedagógico. Segundo Ramos (2003), o discurso sobre a educação nesse século tem sido de que os serviços públicos de forma geral (aí se inclui a educação) são ineficientes, improdutos, seus profissionais são mal formados.

Entrelaçado nesse discurso encontra-se o fragmento discursivo do Projeto Básico UCA (BRASIL, 2008), cujo enunciado é “melhorar a qualidade da educação”. Norteados por esse propósito, o projeto procura aumentar o rendimento escolar do aluno, uma vez que, mediante avaliações realizadas pelo Ministério da Educação (MEC), tem sido constatado que a maioria dos alunos matriculados nas escolas da rede pública brasileira não consegue um nível superior a 40% de aproveitamento dos conteúdos ministrados nas aulas.

Os sujeitos da/na escola UCA apresentam práticas discursivas similares: assim como o Estado, os sujeitos fazem circular o sentido de que o Projeto UCA foi implantado na escola para melhorar a qualidade de ensino, entendida pelos sujeitos como “precária”.

Vejamos alguns recortes:



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

- (10) desenvolver as aulas em sala de aula com mais aproveitamento e mais enriquecedora, de modo que os alunos venham ter mais rendimento em sala (PR)
- (11) Esse projeto visa melhorar a qualidade de ensino em sala de aula (PR)
- (12) é inovar os sistemas de ensino para melhorar a qualidade da educação, utilizando-se da tecnologia e inclusão digital. (CP)
- (13) inovar os sistemas de ensino e melhorar a qualidade de educação no país (D).
- (14) em relação aos alunos acho que vai ajudar bastante na assimilação e na aprendizagem do conteúdo trabalhado em sala de aula no dia a dia (PF).
- (15) acho que o objetivo do projeto uca é que os alunos aprendem mais com os leaptop, (A)
- (16) Os objetivos com esse projeto e untrapaçar a meta das notas para 2011 (A).
- (17) o projeto UCA ajuda nos e ensina a aprender mais como pesquisas (A)
- (18) sim porque agora nois não precisamos pesquisar nos livros (A)

No fragmento discursivo (10), o sujeito professor assume o discurso da mídia, que cristaliza o ideário de que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) por si só são capazes de tornar o ensino eficaz na promoção da aprendizagem. Dessa forma, revelam-se, no discurso do sujeito professor, marcas da memória metálica, uma vez que não se trata de “um discurso produzido pela historicidade, mas por um construto técnico” (ORLANDI, 2006) veiculado pelos meios de comunicação como rádio, TV e internet. O uso de “mais” (quantificador e intensificador, respectivamente) reforça o sentido discursivo de que a integração e o desenvolvimento do projeto UCA promoverão a solução à precariedade instaurada na educação do país.

No fragmento (11) “esse projeto visa melhorar a qualidade de ensino em sala de aula”, quando o sujeito professor diz que a melhoria do ensino ocorrerá com o Projeto UCA “em sala de aula”, a locução adverbial traz o sentido de que o ensino e a aprendizagem acontecem somente na sala de aula. O sujeito desconsidera as diferentes formas de ensinar e aprender fora dos muros da escola. Na memória discursiva do sujeito professor, inscreve-se o discurso institucional, uma vez que faz parte da história docente nortear o trabalho didático em sala de aula. Essa visão desconstrói o sentido de ensino



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

e a aprendizagem como atos sociais de produção de conhecimento, como resultado da interação entre comunidades discursivas também constituídas além dos muros da instituição escola.

Diferente do sujeito professor, os sujeitos coordenador pedagógico e diretor significam o projeto UCA como uma iniciativa capaz de promover a melhoria na qualidade da educação, de forma a inovar o sistema escolar: em (12), “é inovar os sistemas de ensino para melhorar a qualidade da educação, utilizando-se da tecnologia e inclusão digital”, e (13), “inovar os sistemas de ensino e melhorar a qualidade de educação no país”. Percebe-se que ambos (coordenador e diretor) significam a aquisição de uma nova tecnologia como representação de qualidade da educação, expressa nas palavras dos sujeitos pelos verbos “inovar, melhorar e enriquecer”. Atenta-se para o emprego pelos sujeitos do substantivo “educação” em vez de “ensino”. Isso nos possibilita interpretar que, em suas posições de coordenador pedagógico e diretor, significam o projeto UCA como promotor de qualidade na educação em geral (estrutura, recursos humanos, didáticos e outros) e não apenas no ensino, ação que coloca o professor como centro do processo.

O sujeito formador enuncia, em (14), que “em relação aos alunos acho que vai ajudar bastante na assimilação e na aprendizagem do conteúdo trabalhado em sala de aula no dia a dia”. Da mesma forma que o professor formador, nos enunciados do sujeito aluno encontramos marcas discursivas de que a nova tecnologia *laptop* chegou à escola (mediante o Projeto UCA) para melhorar o ensino até então oferecido: (15) “acho que o objetivo do projeto uca é que os alunos aprendem mais com os leptop”. Nesse mesmo sentido, outro fragmento discursivo do sujeito aluno revela que “os objetivos com esse projeto é untrapaçar a meta das notas para 2011” (16). O sujeito enunciator alega a revolução no ensino mediante o projeto UCA, representada pelos verbos: “ultrapassar, aprender e ajudar”, porém nota-se incerteza em seu discurso, expressa pelo verbo “achar”.

Ao mesmo tempo em que o sujeito aluno apregoa o Projeto UCA como sinônimo de melhoria no ensino, ele atribui tal melhoria à oportunidade de fazer pesquisa na internet: (17) “o projeto UCA ajuda nos e ensina a aprender mais como **pesquisas**”. Além disso, o sujeito aluno associa qualidade à substituição de material impresso (livro) por material digital, como se vê em (18). Há, no discurso do sujeito aluno, apelo à mudança nos procedimentos didáticos presentes na escola até a chegada do projeto UCA. Percebe-se sentido discursivo de desaprovação, por parte dos alunos, em relação à prática de ensino tradicional adotada pelo professor: cópias do livro didático e da lousa.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

O documento que regulariza o desenvolvimento do projeto UCA não explicita claramente as reais mudanças no ensino, provocadas por seu desenvolvimento. Justificam-se assim os diferentes sentidos discursivos atribuídos ao projeto UCA por cada um dos sujeitos, conforme sua filiação histórica, significando-o e significando-se (ORLANDI, 2001b, p. 21) à medida que a nova realidade se configura na instituição escola.

É visível o conflito de sentidos discursivos conforme a posição sujeito que enuncia (ou se pronuncia) sobre o projeto UCA, sobretudo entre o dizer do sujeito aluno e o dos demais. Enquanto os sujeitos formador, coordenador, diretor e professor significam o projeto como responsável por melhorar a qualidade de ensino (discurso do Estado), sem traduzir de que forma isso acontecerá (assim como o documento oficial, que silencia sobre a questão), o sujeito aluno significa-o como um projeto que fomentará a pesquisa e substituirá o material impresso.

Entendemos que essas movências discursivas acontecem de acordo com a posição sujeito e “as condições de produção” (PÊCHEUX, 1997) em que o discurso irrompe, pois historicamente é parte da realidade do sujeito aluno ser submetido a cópias, seguidas de exercícios de estímulo-resposta, sem sucesso na aprendizagem (conforme revelam as avaliações do MEC). Então, o novo projeto assume para ele o sentido de mudança na forma de receber as informações pelo professor. Nota-se, dessa forma, que o discurso do sujeito-aluno está fundado noutro discurso institucionalizado ideologicamente e já cristalizado na memória do sujeito do século XXI, que é o da produção de conhecimento por meio da pesquisa, para a qual o computador é ferramenta primordial. Nesse sentido, Orlandi (2001, p. 49) assevera que a ideologia representa o efeito de completude, que, por sua vez, produz o efeito de “evidência”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como “naturais” em um determinado tempo e espaço historicamente estabilizados.

3.3 Projeto UCA e Mudança na Cultura de Ensinar e Aprender

O conflito discursivo é amplamente evidenciado quando os sujeitos da pesquisa atribuem ao projeto UCA o sentido de promover mudança na cultura de ensinar e aprender. Isso nos remete ao sentido anterior, quando significam o projeto como promoção de melhoria na qualidade de ensino (e



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

educação). Vejamos, na análise, como o substantivo “mudança” adquire novo significado conforme a posição do sujeito que enuncia:

- (19) Na interação professor/aluno, que haja uma verdadeira troca de experiência (D)
- (20) a escola se apropriará de uma nova cultura digital, e através dessa cultura a escola será reinventada (D).
- (21) Este projeto inovador veio trazer uma nova direção na educação (CP).
- (22) Podemos dizer que agora a escola está capacitada para atender as necessidades reais do aluno de hoje, que vive às voltas com a tecnologia em geral (CP)
- (23) pois, força alunos e principalmente professores, a buscar novos caminhos de ensinar e aprender, (CP)
- (24) porém a parte mais complexa é a aplicação em sala de aula, o professor necessita de um acompanhamento assíduo (CP)
- (25) Espero primeiramente, enquanto coordenador de área de matemática, direcionar e colaborar para que o projeto tenha bons resultados em nossa escola. (CP)

A mudança é interpelada pelo sujeito diretor com o sentido discursivo de promover ações coletivas em que aluno e professor atuem como agentes de transformação (discurso institucional), a partir de uma visão vertical do movimento de mudança, em (19). Ainda em (19), no fragmento discursivo “uma verdadeira troca de experiência” apreende-se, no entanto, o acontecimento discursivo do/no projeto UCA sendo significado pelo sujeito diretor como um real processo de construção coletiva de conhecimento. A materialização da palavra “verdadeira” faz-nos compreender que a “troca de experiência” não se configura no contexto escolar atual, o que pode ser mudado com o desenvolvimento do projeto. Em (20), verifica-se ainda que o sujeito diretor significa o projeto como uma iniciativa revolucionária, sugerida pelo verbo “reinventar”.

Assim como o sujeito diretor, o coordenador pedagógico significa o projeto como capaz de promover mudanças significativas na realidade escolar: (21) “este projeto inovador veio trazer uma nova direção à educação”. Tanto o sujeito diretor como o sujeito coordenador utilizam elementos linguísticos do campo semântico de mudança ou transformação, como “inovador”, “reinventar” e “nova direção”, que atribuem ao projeto UCA o sentido de mudança geral no modelo de escola atualmente existente.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Há, ainda, por parte do sujeito coordenador pedagógico, a premissa de que “agora” (antes não) a escola conseguirá atender às necessidades dos alunos: (22) “podemos dizer que agora a escola está capacitada para atender as necessidades reais do aluno de hoje, que vive às voltas com a tecnologia em geral”. Percebe-se, no discurso do sujeito coordenador pedagógico (assim como do sujeito diretor), a crença de que a nova tecnologia (*laptop*) é sinônimo de mudança e, com isso, proverá a escola de recursos que prepararão o aluno, com todas as habilidades necessárias, para atender ao mercado de trabalho e ao sistema capitalista em que está inserido.

Em outras palavras, percebe-se que a visão dos sujeitos é de que o projeto UCA (com a inclusão do *laptop*) por si só é mecanismo de imposição de ações que promovam mudanças na realidade que ainda se configura no ensino institucionalizado. Vê-se isso no discurso do sujeito coordenador pedagógico, no enunciado (23): “pois, **força** alunos e principalmente professores, a buscarem novos caminhos de ensinar e aprender”. Temos, em (23), a relação de poder hierárquico; relação estabelecida pela posição-sujeito assumida pelo coordenador. Com isso, o sujeito professor vê-se oprimido, impossibilitado de autogerenciar seu trabalho, submetido à autoridade de outros (coordenador, diretor, estado).

A relação de poder e manipulação exercida entre os diferentes sujeitos membros da comunidade escolar é claramente percebida quando o coordenador pedagógico enuncia: (24): “porém a parte mais complexa é a aplicação em sala de aula, o professor necessita de um **acompanhamento assíduo**” e (25): “espero primeiramente, enquanto coordenador de área de matemática, **direcionar** e colaborar para que o projeto tenha bons resultados em nossa escola”.

Percebe-se, nos enunciados 23, 24 e 25, que os sujeitos coordenador e diretor desconstruem seus discursos anteriores de produção de conhecimento e construção do saber coletivo. Notam-se os “equivocos discursivos” (PÊCHEUX, ano) desses sujeitos ao enfatizarem “acompanhamento assíduo”, “direcionar”. Seus discursos revelam que não são inovadores, ou seja, continuam presos à pedagogia tradicional, fiscalizadora, detentora de poder hierárquico e disseminadora da submissão.

Aportamo-nos em Pêcheux (1990, p. 57), para quem não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo (no caso, por um erro de pessoa, isto é, sobre o outro, objeto da identificação).



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Nesse caso, o sujeito busca o controle de seu dizer, instalando a possibilidade de criação, negando seu aprisionamento total à ideologia a que ele se diz contrário, porém, inconscientemente, na materialidade de seu discurso, deixa marcas de seguidor dessa “ideologia”: a pedagogia tradicional.

3.4 Projeto UCA: controle disciplinar e atencional do aluno

Ainda nas formações discursivas que constituem os significados atribuídos pelos sujeitos ao Projeto UCA, inscreve-se o discurso de que o projeto resolverá a problemática constituída na escola sobre a “falta” de disciplina (conforme regras institucionais) e de atenção aos conteúdos ensinados pela instituição escola.

Uma vez que o discurso pedagógico é norteado pelo discurso da “ordem” e “obediência” – o professor utiliza o discurso autoritário para estabelecer o “silêncio” e o “bom” comportamento esperado dos alunos –, é natural que se manifeste, na formação discursiva do/no projeto UCA, o sentido de que o projeto venha contribuir para tal propósito.

Seguem recortes de discursos que compõem os enunciados dos sujeitos a partir da posição que ocupam:

- (26) eu acredito que o aluno desenvolverá as atividades de forma mais concentrada, principalmente os que têm déficit atencional (D).
- (27) alunos interessados, atualizados e com desejo de quero mais, ou seja, não ver a hora de ir para escola (CP)
- (28) é que tem mais participação e concentração em sala de aula (PR)
- (29) as aulas mudaram completamente boa (A).
- (30) não sei vai depender do comportamento dos alunos (A)
- (31) as alunos tem que ficar organizado (A)
- (32) que ninguém vai mais bagunçar (A)
- (33) todos ficarem quietos e não fazer bagunça e nem gritarem (A)



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

O acontecimento Projeto UCA é significado pelo sujeito diretor como um programa que terá um efeito “atrativo” ao aluno. Assim, sua discursivização é apreendida a partir do seguinte fragmento discursivo: (26) “eu acredito que o aluno desenvolverá as atividades de forma mais **concentrada**, principalmente os que têm déficit atencional”. Compartilha do mesmo sentido discursivo o sujeito coordenador pedagógico: (27) “alunos **interessados**, atualizados e com desejo de quero mais, ou seja, **não ver a hora de ir para escola**”.

No enunciado (28), o sujeito professor representa o projeto como mecanismo de prender a atenção do aluno durante suas aulas expositivas. Ele não percebe que, quando o sujeito aluno discursiviza (29) “as aulas mudaram completamente boa”, este atribui ao Projeto UCA, mediante a integração do *laptop*, o sentido discursivo de que as aulas deixarão de ser pautadas na figura do professor, em que o aluno atua como mero receptor de informações. O sujeito aluno espera, com o projeto, uma mudança que lhe possibilite maior participação no processo de ensino e aprendizagem.

Tal discurso conflita, no entanto, com o discurso do sujeito professor e, da mesma forma, com o dos sujeitos diretor e coordenador pedagógico. Confirma-se a relação de poder assumida pelo professor com a implantação do projeto:: (30) “não sei **vai depender** do comportamento dos alunos” e (31) “os alunos **têm** que ficar **organizado**”. Nesses enunciados, os sujeitos que atuam na escola são representados como determinadores dos atos educativos (professor, diretor e coordenador), como aqueles que oprimem o sujeito aluno de forma que compreenda o Projeto UCA como uma compensação por seus atos disciplinares (conforme discurso pedagógico) ou como recompensa pela postura de submissão às ações de dominação dos demais membros da escola. Isso também se confirma com os enunciados (32) “que ninguém vai **mais** bagunçar” e (33) “**todos** fiquem **quietos** e não fazer bagunça e nem gritarem”.

Nas marcas inscritas na materialidade do seu discurso, imprime-se a ideologia tradicional, embora tentem negar isso. Nesse sentido, Pêcheux (1997) afirma que o sujeito é identificado pelo seu discurso, uma vez que não há sujeito sem discurso e não há tampouco discurso sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Considerações Finais

A análise dos discursos que se constituem no contexto da escola UCA permitiu a percepção de que dialogam na escola pesquisada dois discursos conflitantes: o discurso que avalia negativamente o ensino tradicional ainda presente nas ações escolares, pautado na postura do professor como transmissor de informações e na figura do aluno como “vazio”, e o discurso de que o Projeto UCA proporcionará a mudança imediata dessa educação, que não permite diálogo para uma educação em que os sujeitos aprenderão juntos por meio de discussões socialmente fomentadas.

De um lado, inscreve-se o discurso de sujeitos livres e autônomos para construir seu conhecimento e significar o mundo que os cerca (sujeito pós-moderno) e, de outro, o do sujeito que é estimulado (pelo projeto UCA) a obedecer às regras impostas pela instituição escola e ao ensino conteudista, que ainda prevalece na figura de professores e dirigentes autoritários que carregam marcas discursivas cristalizadas na história do ensino escolar, determinando socialmente o ensinar e aprender no bojo do projeto UCA.

Percebe-se, então, que os sentidos atribuídos ao projeto UCA pelos membros da comunidade escolar constituem-se, no contexto de investigação, constantemente interpelados por outras formações discursivas, ora do discurso do Estado, ora do discurso pedagógico, ora do discurso da mídia, que evocam o já dito, cristalizado na memória social.

A esses sentidos, pode-se acrescentar um efeito de Estado “generoso”, que vai garantir educação e tecnologia para todos, evocando, pela memória discursiva e nos fios do interdiscurso, os discursos constitucional e da inclusão, em especial o já dito “a educação muda um país”.

Marcando o cessar da discussão, pode-se apreender que, no contexto escolar, o sujeito professor mantém uma postura tradicional de detentor e transmissor de informações mesmo em face da possibilidade de utilização de uma nova tecnologia, agora educacional, o *laptop*. Nesse “espaço”, temos os sujeitos coordenador pedagógico, diretor, formador e professor, que atuam na ilusão de agentes detentores do poder e manipuladores das atividades escolares cotidianas. E o sujeito aluno, que é assujeitado aos discursos outros (do diretor, coordenador, professor), ilude-se com a possibilidade de mudança da realidade, a partir do desenvolvimento do projeto UCA: crê que lhe seja



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

outorgado o poder atuar de como agente de transformação sem ser rotulado de “indisciplinado, rebelde e desinteressado”.

Confirma-se então, assim como apregoa a teoria da AD, que a instituição escola seja mediante o projeto UCA ou outro projeto, submete-se ao Estado “que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação”. Assim, os sujeitos inseridos no contexto escola e no Projeto UCA não são (e nem lhes é permitido ser) a unidade de origem, livre para revolucionar aquilo que os oprime, uma vez que “são o resultado de um processo, um constructo, referido ao Estado”. (ORLANDI, 2007).

Aportamo-nos ao fazer nossas considerações também em Althusser (1985, p. 8), quando diz que as ideologias não existem no campo das ideias, mas sim em formas materiais atuando na constituição das pessoas como sujeitos sociais, fixando-os em posições-sujeito e dando-lhes, ao mesmo tempo, a ilusão de serem agentes livres. O mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social, no caso os envolvidos no projeto UCA, a reconhecer seu lugar é o mecanismo da sujeição que tem duplo efeito, ao mesmo tempo em que se reconhecem como sujeitos livres, se sujeitam a um poder absoluto, pois em cada ideologia o lugar do sujeito é ocupado por entidades abstratas, Deus, a Humanidade, o Capital a Nação. Esses processos ocorrem em várias instituições, como a família, a lei, a escola, que são, segundo o teórico, elementos do Aparelho Ideológico do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

ORLANDI, E. P. Os limites do método e da observação. In: _____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 41-62.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. In: **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2001a, p. 99-108.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 2001b.

_____. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. In: BARRETO, R. G. Entrevista realizada pela Profa. Dra. Raquel Goulart Barreto – UERJ. TEIAS, Rio de Janeiro, ano 07, no. 13-14, jan/dez 2006. Pp. 01/07. Acesso em 01/03/2011. Disponível em <http://132.248.9.1:8991/hevila/Revistateias/2006/vol7/no13-14/12.pdf>

_____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos. São Carlos: Claraluz, 2007.

PÊCHEUX, M. **Les vérités de la palice**. Maspero: Paris, 1975

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 1990. p. 163-252.

_____. **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução de Bethania, S.C. Mariani. et al. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 5. ed.. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

RAMOS, M. E. A alma do negócio: o ensino de qualidade total nos parâmetros Curriculares Nacionais. **História Hoje**: Revista eletrônica de História. V.1, n. 2, dez. 2003. Disponível em www.anpuh.uepg.br. Acesso em março e abril de 2011.

SCHALLER, J. J. *Construire un vivre ensemble dans une démocratie renouvelée*, comunicação apresentada na USP, 2001.